

CURRÍCULO CIBERQUEER

Fábio dos Santos Coradini¹

Edmea Oliveira dos Santos²

RESUMO

Na atual cena tecnológica e social que atravessamos, emergiram em decorrência da pandemia diversos fenômenos mediados pelo digital em rede. Baseando-se nas transformações da cultura de acesso a virtualidade, torna-se possível acerca dos impactos sociais compreender o quanto estar conectado tornou-se uma forma de evidenciar papéis sociais. Entendemos que o campo de estudos destes fenômenos é a cibercultura, pois ela se apropria das relações entre a cidade e o ciberespaço propondo novos olhares sob os praticantes culturais, ou seja, os sujeitos que movimentam as estruturas tecnológicas de sociabilidade. Estes sujeitos interagem nos espaços de multirreferencialidades, propondo novas formas e práticas sob o campo e a epistemologia. Um destes fenômenos se dá no campo da educação e do gênero. A transposição da educação presencial para a online, apresentou muitas fissuras tecnológicas, assim como a necessidade de pensarmos um currículo mais dinâmico, equânime e plural. Ao denominarmos este trabalho como Currículo Ciberqueer, nos propomos a compreender como pessoas *queer* mobilizam saberes em rede que são capazes de promover mudanças significativas nas questões curriculares. Foi a partir desta concepção e observação das autorias de pessoas *queer* no Instagram que vislumbramos mobilizar uma ecologia de saberes, que se perpassam nos campos do currículo, cibercultura e gênero. Portanto ao mergulharmos no fenômeno, estabelecemos uma linha de trabalho que se fundamenta na metodologia da pesquisa-formação, processo que não separa o pesquisador da sala de aula e dos praticantes, pois todas as formas de produção de dados acontecem enquanto produzimos atos de currículos. Dessa forma, o Currículo Ciberqueer funcionará como um dispositivo de

1 Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- RJ, fabiocoradinic@gmail.com.

2 Doutora em Educação e Professora Titular-Livre da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- RJ.

formação e seus dados serão alinhados visando a construção de indicadores que sejam capazes através do rigor outro da pesquisa, possibilitar formas e maneiras possíveis de construirmos um currículo para a diversidade.

Palavras-chave: Currículo Queer, Pesquisa-formação, Cibercultura, LGBTQIA+, Educação.

INTRODUÇÃO

A internet chegou ao Brasil no ano de 1988 através da conexão do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), localizado na cidade do Rio de Janeiro, com a BITNET³, através de uma conexão estabelecida com a Universidade de Maryland, nos Estados Unidos.

Em 1981, a City University of New York (CUNY), após realizar uma pesquisa entre universidades, em um projeto liderado por Ira Fuchs (Coordenador de Informática), resolveu montar uma rede que pudesse interligar pessoas de uma forma simples e barata, criando a Because It's Time Network (BITNET) que inicialmente conectou a CUNY com a Yale University. A tecnologia escolhida foi baseada no software que estava disponível nos computadores IBM das universidades participantes. A grande atração da BITNET foi a sua simplicidade de adesão e operação (CARVALHO, 2006, p. 50).

De acordo com Carvalho (2006), a partir de 1994, a internet se desloca da academia e começa a ser comercializada. A Embratel lança o Serviço Internet Comercial, em caráter experimental e com conexão internacional de 256 Kbps, onde cerca de cinco mil usuários foram escolhidos para testar o serviço. Em maio de 1995, o serviço se torna definitivo no país e o Ministério das Comunicações decide pela exploração comercial, tornando a internet tendência no país e a popularizando cada vez mais.

Compreendendo a cibercultura como uma cultura contemporânea, destacamos a importância deste fenômeno no campo educacional, pois se trata de um caso de inadequação do acesso a uma educação de direito. Perante estas relações de construção da história do gênero e da cibercultura que iremos traçar um caminho etnográfico entre o real e o virtual, justamente para que possamos entender a partir de qual momento os espaços digitais foram protagonistas na condução de uma nova realidade, estamos falando da necessidade de pertencimento social. O corpus deste trabalho se pauta no olhar para a importância da construção das autorias em rede pelos corpos LGBTQI+, justamente para articularmos a necessidade de termos estas vozes soando nos mais diversos espaços formais e não-formais, acadêmicos, governamentais,

3 A BITNET (acrônimo de "Because It's Time to NETwork" ou "Because It's There NETwork") foi uma rede remota criada em 1981 a partir da ligação entre a Universidade da Cidade de Nova Iorque e a Universidade Yale, que visava proporcionar um meio rápido e barato de comunicação para o meio acadêmico.

públicos. Os corpos não podem mais serem negligenciados e funcionarem para a ciência como meros objetos de estudos ou cobaias queers, testadas e homologadas em textos científicos que irão navegar pelas redes com autorias outras. Para compreender a importância deste movimento, precisamos dialogar com conceitos fundantes das questões que envolvem gênero e sexualidade.

Santos (2019) defini ciberultura como:

A ciberultura é compreendida como cultura contemporânea, na qual a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos se dão na interface cidade-ciberespaço, emergindo assim novos arranjos *espaçotemporais* e, com eles, novas práticas educativas e de formação (SANTOS, 2019, p. 20)

Ainda de acordo com Santos (2019, p. 26) “o ciberespaço é um conjunto plural de espaços mediados por interfaces digitais, que simulam contextos dos mundos físico e das cidades, suas instituições, práticas individuais e coletivas já vivenciadas pelos seres humanos”. A partir desses conceitos, entendemos que a ciberultura é a cultura contemporânea que possibilita a existência de fenômenos diversos em rede e o ciberespaço é o espaço onde os seres humanos habitam com suas práticas e vivências no digital.

De acordo com Martins (2017) destacamos que, para nossa concepção, o ciberespaço não está apartado da cidade: com a utilização dos dispositivos móveis, essa relação fica mais imbricada. O praticante circula em ubiquidade pela cidade e nos “territórios informacionais” – os espaços produzidos socialmente e redimensionados pelas tecnologias de comunicação (LEMOS, 2010, p. 155).

Partindo deste contexto e percebendo que os territórios informacionais produziam conteúdos de qualidade, autorias e corporeidade diversas, comecei a buscar conexões que pudessem de alguma forma contextualizar respostas para o meu dilema de pesquisa, que inicialmente era compreender como as autorias LGBTQI+ aconteciam nas redes, quais as suas proposições, impactos e seus destinos, pois em muitas delas não era a universidade.

E por onde caminharão nossos currículos? Precisamos repensá-los? Ressignificá-los? Quando Silva (2021) destaca que no campo dos estudos com currículos, a pergunta “o quê?” nunca estará separada de uma outra importante pergunta: “o que eles ou elas devem ser?” ou, melhor, “o que eles ou elas devem se tornar?”, pois de acordo com o autor um currículo precisamente busca modificar as pessoas que vão “seguir”. Neste sentido, necessitamos de uma escola que busque para além do olhar único, mas que apresente formas

e espaços de compor a organização escolar e curricular com essas autorias silenciadas.

LITERALIZAÇÃO DA PESQUISA

No que cabe a condução teórica científica da pesquisa, iremos nos basear como perspectiva teórico-metodológica nos estudos de Judith Butler a partir da Teoria *Queer* e nos estudos pós-estruturalistas do currículo, destacando Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. Alguns estudos desenvolvidos no Brasil, estão trabalhando com a apropriação de Estudos *Queer*, compreendendo que se trata de um campo com mais perspectivas de debates. O doutorando João Paulo de Lorena Silva, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) atua com grande preponderância nas redes e no processo de sua pesquisa nos convida a repensar os trabalhos no Brasil a partir dos estudos *queer*, explicando que embora conflitantes em alguns momentos, essas perspectivas teóricas que chamamos de *queer* se agenciam na crítica à naturalização das identidades, na compreensão de que gênero, corpo e sexualidade são produzidos em relações de poder, na desconstrução dos sistemas binários e na aposta da potência subversiva e criadora da diferença.

Compreendendo que as performatividades acontecem nos mais diversos locais do ciberespaço, iremos discutir como o termo *Ciberqueer* surge no campo dos debates ciberculturais e também a Teoria da Performatividade de Gênero, estabelecida por Butler (1990, 1993), pois se trata de um caso de inadequação da liberdade de gênero. Segundo a filósofa não se propõe aqui uma diferenciação entre os sexos, mas a atenção às pessoas que sofrem ou não querem simplesmente se adequar às expectativas que a sociedade atribui ao gênero.

Na teorização da cibercultura, os estudos e leituras estarão pautados nos trabalhos e pesquisas desenvolvidos por Pierre Lévy, Edmea Santos, André Lemos, Nelson Pretto, Lucia Santaella e tantos outros importantes autores e pesquisadores que se fizerem necessários promover o diálogo com o texto e a pesquisa. No campo prático-metodológico estaremos pautados nas ideias de Michel de Certeau e sua aplicação na área de pesquisas dos cotidianos, assim como nas formulações teóricas e praticantes da professora Nilda Alves, pesquisadora, militante, nome incontornável no cenário intelectual e político da educação no Brasil. Suas contribuições ao pensamento educacional se inscrevem em sua incansável luta pela escola pública e pelas professoras, formando uma obra plural e em redes que continuam a ser tecidas nos campos da formação de professores, do currículo, da pesquisa em educação e *nos/dos/com*

os cotidianos. Nesta relação com o cotidiano, também iremos navegar sobre a escrita de Jorge Larrosa nas questões que envolvem experiência e sentido.

Concordamos com Martins (2004) quando afirma que no campo da abordagem multrirreferencial, teoria de Jacques Ardoino, nos abre a possibilidade de traçar um novo caminho no processo de elucidação dos fenômenos sociais, rompendo com a posição epistemológica desenvolvida ao longo da modernidade. Podemos dizer que esse rompimento restaura o espaço de sentido de cada participante da relação e nos permite pensar esse espaço restaurado como circunscrevendo o discurso de um sujeito falante – tanto para aquele que se diz pesquisador como para aquele que é olhado como objeto – liberando o homem da sua condição de objeto.

Nas apropriações de conceitos dos métodos desenvolvidos nas pesquisas do GPDOC, trabalharemos com as dissertações de Rachel Colacique, Michelle Viana Trancoso, Vivian Martins Lopes de Souza e Alessandra Barbosa da Silva e as teses de Alessandra Barbosa da Silva e Rachel Colacique.

Visando a construção de uma pesquisa baseada em narrativas de gênero na cibercultura, faz-se necessário entender questões peculiares sobre o direcionamento da base teórica no processo investigativo. No ano de 1990, o livro “Problemas de Gênero”, da filósofa pós-estruturalista Judith Butler provocou euforia e protagonizou a concepção teórica de uma nova teoria denominada “Teoria *Queer*”, além de ocasionar cientificamente um corte epistemológico nas questões de gênero perante a sociedade tradicional.

DESCONSTRUINDO, ESTRANHANDO E SUBVERTENDO AS NORMALIDADES DO CURRÍCULO: MÉTODOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA PESQUISA-FORMAÇÃO

Nóvoa (2015) em “Carta a um jovem pesquisador” diz que as ideias novas estão na fronteira, porque esse é o lugar do diálogo e dos encontros. Continua dizendo que talvez seja o momento de te lembrar que grandes descobertas foram feitas por acaso, mas que o acaso nunca é acaso, favorece sempre os olhos preparados para ver.

Entendemos que pesquisar na cibercultura requer um mergulho em todos os sentidos nas práticas dos sujeitos. Santos (2019, p. 20) afirma que os “sujeitos de pesquisa não são meros informantes, são praticantes culturais que produzem culturas, saberes e conhecimento no contexto da pesquisa”. Roberto Sidney Macedo no prefácio do seu livro “A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária” traz para a cena de leitura o seu lugar de autorização de quem continua experienciando, de forma implicada, a

itinerância heurística, curricular e formacional com seus colegas de pesquisa e formação.

Situado nos dilemas que pretendo investigar, destaca-se como primeiro território formacional os importantes encontros de orientação coletiva realizados no Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, liderado pela Professora Dra. Edméa Oliveira Santos. Os atos de formação desenvolvidos nesta ambiência nos permite compreender os processos de formar formando-se, ao qual Macedo (2020) destaca os encontros formacionais realizados com os estudantes de graduação e pós-graduação, sempre ressaltando que não estamos ali para lhes ensinar a aplicar métodos de pesquisa, mas para, em compreendendo bem para fazer bem, responsavelmente, aprofundar, experimentar, experienciar e, com autorização, inventar o método, pois segundo o autor pesquisar é sempre um desafio, uma aventura pensada e valorada, uma experiência de autorização curricular-formacional de alta complexidade.

Nesta ambiência em que se perpetua uma imensurável ecologia de saberes (BOAVENTURA, 2010) e também a bricolagem com a noção de táticas (CERTEAU, 2014) dos praticantes culturais, que nossa pesquisa se propõem em compreender as expressões de autorias LGBTQI+ criadas no Instagram nas mais diversas performatividades, percebendo em suas insinuações, provocações, trajetórias, atitudes e desobediência a ordem normativa, toda a potência científica criada por estes corpos através das mais diferentes astúcias (CERTEAU, 1994) no digital.

Enxergar e perceber as possibilidades produtivas das autorias LGBTQI+ nas redes, permite que as narrativas hegemônicas sejam colocadas em suspensão, sobretudo o silenciamento, visto de acordo com ALVES (2008, p. 18) a complexidade do campo é tão grande que só olhar do alto não permite perceber todas as “lógicas dos cotidianos”. Então é mais que preciso valorizar o cotidiano na cibercultura principalmente porque seus *espaçostempos*⁴ são instantâneos e repletos de saberes que emergem da realidade destes corpos que muitas vezes não estão circulando em espaços físicos ou como diz Certeau (1994) não estão presentes no jardim das artes.

Estudar o fenômeno in loco requer atenção às diversidades, aos discursos, às linguagens. A vida social se constitui, entre outros fatores, através da linguagem. A linguagem aqui é entendida como toda forma de expressão. “A linguagem não

4 Juntar palavras tem sido uma estratégia usada pelos estudos com os cotidianos como possibilidade de ampliação de sentidos e significados.

é utilizada como ‘meio’. É reconhecida como matéria-prima” (ARDOINO, 2003, p.93).

No desenvolvimento da etnografia online o virar de ponta a cabeça assume uma sólida teoria de apoio, porém de acordo com Martins (2017) não termina nela, visto que há um movimento de ir e vir por muitas vezes para refutar ou confirmar a teoria e voltar para compreender os dados com outro olhar, permitindo ao pesquisador aperfeiçoar as suas práticas e dentre elas a escuta, pois os saberes criados em autorias e manobras ao instituído, são matérias primas expressas pelas táticas dos praticantes (CERTEAU, 1994).

A partir destas compreensões e em contato com os estudos desenvolvidos por Barbier (2002) percebemos que a escuta sensível se torna fundamental para um jovem pesquisador entender o seu campo. Ao analisarmos as autorias na rede, escutam os através das narrativas multimidiáticas as vozes digitais que atravessam as expressões.

A escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender o interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (ou “existencialidade interna”, na minha linguagem. A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende sem, entretanto, aderir às opiniões ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado (BARBIER, 2002, p. 94).

Na estruturação da pesquisa, escutar sensivelmente foi primordial para que eu pudesse compreender o que aquelas expressões digitais me diziam, e neste momento me encontrei com o cotidiano do meu praticante cultural. Martins (2017, p. 92) afirma que “as pesquisas nos/dos/com os cotidianos não estão interessadas no que os praticantes não fazem, estão interessadas no *saberfazer*, no que o cotidiano revela de bonito, difícil, significativo, desafiador”.

O objeto de estudo não pode ser visto como um alvo a ser atingido. É necessário perceber o objeto como um ente vivo, que se auto-organiza pela complexidade dos processos instituídos e instituintes em que seres humanos e objetos técnicos se implicam, se transformam e se afetam, produzindo assim modos de ser, de pensar e de viver que vêm desafiando os processos formativos legitimados por uma forma cartesiana, racionalista de conhecer (SANTOS, 2014, p. 89, 2019, p. 99).

Alves (2008) diz que não há outra maneira de se compreender as tantas lógicas dos cotidianos senão sabendo-se que se está inteiramente mergulhada nelas, correndo todos os perigos que isto significa. Mergulhar segundo Alves (2008) é o ato de verticalizar com todos os sentidos, ou seja, ter olhos curiosos para todos os lados, cantos, objetos e pessoas, sentir o cheiro do cotidiano, da comida, do ambiente, dos objetos; sentir os gostos e sabores; ouvir tudo e todos; permitir tocar e ser tocado; estar imerso em um ambiente, seja ele multirreferencial, online ou presencial.

Ao verticalizar os sentidos e percebendo os movimentos incandescentes na rede, meus passos iniciais se pautaram em compreender como esse grande aglomerado de artefatos e práticas online estavam sendo narrados na rede pelos corpos LGBTQI+. E para registrar os rastros dos praticantes, iniciamos as transcrições através da etnografia online. Colacique (2018) diz que este método perpassam as bases das pesquisas netnográficas.

Eu vejo a netnografia como necessariamente multimétodo. Os métodos que devem ser escolhidos dependem das questões de pesquisa consideradas e dos pontos fortes do pesquisador. A investigação netnográfica realizada por Langer e Beckman (2005), com Askegaard, que envolvia quadros de avisos on-line, e-mail, entrevistas pessoais e literatura e pesquisa de arquivo de mídia, é um bom exemplo do tipo de método multimídia multifacetado estudo que caracteriza etnografia e netnografia. Tudo o que pode ser necessário para que uma investigação seja netnográfica (e que, por exemplo, diferencie um pesquisa usada como parte de uma netnografia de uma pesquisa on-line que não era) é que os dados, a coleta deve ser analisada para entender os consumidores da comunidade e cultura on-line, os contexto em que estão inseridos, e não que a análise seja conduzida de forma a retire o contexto e apresente os consumidores ou suas práticas como representantes mais gerais de um grupo mais amplo ou fenômeno mais universalizado (KOZINETS, 2006, p. 132).

A etnografia, oriunda da Antropologia, foi criada como uma forma de estudo cultural por meio de uma imersão profunda no campo estudado. Decorrente dessa metodologia, a etnografia virtual, ou netnografia – é um ramo que se propõe a acompanhar espaços virtuais de interação e comunicação mediados por computadores (COLACIQUE, 2018, p. 34). Neste sentido, a etnografia virtual (HINE, 2000), conhecida como webnografia, ciberantropologia, netnografia, etnografia digital, dentre outras, estuda as práticas sociais na internet e o significado destas para os participantes. Ao bricolagem com

o conceito de Hine (2000) para etnografia virtual, Lewis (2016) aponta que ainda existem divergências quanto a utilização do termo, e para situar esta dissertação utilizaremos a etnografia online.

Através deste mergulho na etnografia online, percebemos como os corpos trans/travesti formam e se formam na internet através do uso de dispositivos digitais, compreendendo as potencialidades de existência dessas autorias com a formação de professores e para além desta questão, percebe-se que as produções científicas destes corpos não são apropriadas pelo currículo. No contexto transicional das redes para a sala de aula, percebemos que as corporeidades LGBTQI+ ainda são tratadas como elementos abjetos ao currículo escolar, e que de acordo com Butler (1993) o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, e o *queer* é o sujeito da sexualidade desviante que não deseja ser integrado, nem tolerado; “é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre-lugares’, do indecível” (LOURO, 2016, p. 7-8).

Esse *queer* encontra-se em uma belíssima interlocução com o nosso anfitrião, ao qual peço licença para o apresentar neste percurso metodológico. Seja bem-vindo Tomaz Tadeu Silva! Através do seu trabalho intitulado “*Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*”, momento em que as questões pós-críticas e em especial os debates sobre os Estudos Queer são arrastados para uma articulação fundamental no campo educacional, percebemos que o ato de pesquisar e formar são possíveis quando não existe centralidades, seja no docente, no discente, nos conteúdos, nas tecnologias e nem nos praticantes, pois a centralidade está na rede que se formas todas essas interlocuções (MARTINS, 2017, p. 101). Rodrigues, Wenez e Caetano (2020) afirmam que a presença do trabalho de Silva (1999) nos apresenta o direito à diferença nos discursos curriculares e, por sua vez, como preocupação na formação docente.

Dada à intencionalidade que caracteriza os processos da pesquisa-formação, o nosso campo de pesquisa será a sala de aula da turma de Licenciatura em Pedagogia, 6º período, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pois de acordo com Santos (2014, 2019) formar o professor significava, sobretudo, formar profissionais conhecedores dos conteúdos que deveriam ministrar em seu exercício docente. O que ensinar? Era e ainda é, em alguns contextos, principalmente na formação inicial de grande parte dos cursos de licenciatura e de aperfeiçoamento no Brasil, a grande questão.

Silva (2018) afirma que ao se concebe o processo de ensinar e pesquisar a partir do compartilhamento de narrativas, imagens, sentidos e dilemas de docentes e pesquisadores pela mediação das interfaces digitais concebidas como dispositivos de pesquisa-formação. Ainda de acordo com Santos (2014, 2019) não há pesquisa-formação desarticulada do contexto da docência. Nosso investimento é pesquisar em sintonia com o exercício docente e no ensino que investe na cibercultura como campo de pesquisa. Sendo assim, a educação online é o contexto, campo de pesquisa e dispositivo formativo.

No campo das práticas da pesquisa-formação, a criação de dispositivos de pesquisa são fundamentais para não apartar os cenários de aprendizagem e de formação. Neste sentido, entende-se o conceito de dispositivo a partir dos estudos de Ardoino (2003, p.80) que afirma que dispositivos são como “uma organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto”.

O dispositivo da pesquisa será desenvolvido na ambiência da disciplina “Teorias e Política Curricular” cuja proposta está baseada no desenvolvimento das estratégias da Pedagogia de Projetos, a qual busca demonstrar que a educação possui uma grande diversidade de práticas capazes de romper com os métodos tradicionais de ensino, e para tal esta pedagogia se apropria da utilização de métodos que nos permite não mais viver com a “separação entre sujeito e objeto do conhecimento, observador e observável, tempo e espaço precisam ser (re)significadas” (SANTOS, 2001, p. 72). Dentro da pedagogia de projetos repensamos a escola, seu tempo, seu espaço, sua forma de lidar com os conteúdos das áreas disciplinares (currículo) e com o mundo que se encontra em constantes transformações.

E é a própria pedagogia de projetos, com a práxis pedagógica *in loco*, centrada em substanciais aproximações de autorias e coautorias com os seus objetos de estudo e por intervenções sociotécnicas contextualizadas e situadas na realidade cotidiana dos que aprendem, que ressignificam os saberes e os conhecimentos já instituídos. A pedagogia de projetos, desse modo, conduz à pesquisa e leitura profunda, ao pensamento técnico mais refinado e à prática profissional mais qualificada e empática.

Partindo do macro através da Pedagogia de Projetos, estaremos desenvolvendo juntos aos alunos o “Projeto Teorias Curriculares Pós-críticas - reflexões à partir da produção de artefatos curriculares em múltiplas linguagens” (SANTOS, SILVA, CORADINI, BEZERRA, 2022), que tem como objetivo compreender como as teorias pós-críticas podem inspirar atos de currículos online democráticos e cidadãos em nosso tempo.

Para o desenvolvimento das atividades, a disciplina contará com o livro base “Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo” do autor Tomaz Tadeu da Silva e para uma melhor organização será dividida em três fases. Na primeira fase, daremos início às discussões sobre o tema do currículo, as teorias tradicionais e as teorias críticas.

Durante a segunda fase, a equipe docente irá desenvolver aulas/oficinas para ensinar aos alunos através de exemplos práticos, como criar um artefato curricular e utilizá-lo para a formação docente. Na terceira fase, cada grupo deverá construir um artefato curricular midiático a partir de uma das teorias pós-críticas escolhida pelo seu grupo de trabalho, elaborar um plano de aula e desenvolver uma oficina com toda a turma.

Na construção das práticas a serem desenvolvidas na segunda fase, o campo de pesquisa se efetivará na sua prática através da condução do dispositivo curricular Oficina, ato de formação que nos permite pesquisar “com” e não “sobre”. Ao propor a Oficina como estratégia metodológica, refletiremos sobre as relações com os movimentos sociais que emergiram a partir da resistência de grupos minoritários.

As oficinas serão utilizadas como um lócus de encontro com o outro, pois podemos compreender o “potencial do encontro dialógico” estabelecido neste método (FERREIRA, COUTO JUNIOR, OSWALD, 2018, p. 6). Ainda de acordo com os autores, as oficinas são espaços de negociação de sentidos, onde diferentes visões de mundo coexistem.

As oficinas constituem-se a partir de interações dos indivíduos no contexto do grupo, o que aponta seu potencial para “o exercício ético e político” (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014, p. 33), já que os efeitos da oficina não se limitam ao registro de informações para a pesquisa, uma vez que sensibilizam as pessoas para a temática trabalhada, possibilitando aos seus participantes a convivência com a multiplicidade (nem sempre harmônica) de visões e sentidos sobre o tema. Ainda de acordo com os autores (2014), as oficinas são consideradas práticas discursivas e palco de trocas na medida em que propiciam a criação de espaços dialógicos de trocas simbólicas e a coconstrução de outras possibilidades de sentidos acerca das temáticas discutidas” (p. 33). Esse palco de trocas das oficinas é um verdadeiro convite para que haja a desconstrução de ideias previamente concebidas, ampliando nossos horizontes interpretativos na medida em que o desenrolar do trabalho de campo “sugere que um novo modo de estar com outros seja inventado, com novas configurações tanto para as relações interpessoais como para consigo mesmo,

fundamentais para a produção de novas possibilidades de ser e estar no mundo” (FERREIRA, COUTO JUNIOR, OSWALD, 2018, p. 7).

Ferreira, Couto Junior e Oswald (2018) afirmam que a Oficina, por definição, é lugar de elaboração, de exercício, lugar do fazer. Na pesquisa, esse fazer constrói um saber não só para quem conduz o estudo, mas para todos os participantes. Assume, desta forma, um caráter político e transformador, na medida em que se constitui como lugar de formação, além de garantir a produção de dados para o estudo.

Percebendo o potencial do dispositivo em um movimento capaz de articular as mais diversas experiências dos envolvidos, que dialogamos também com Larrosa (2002, p. 19) o que vou lhes propor aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, “pensar a educação a partir do binômio *experiência/sentido*”. Larrosa (2002, p. 21) afirma que a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, enquanto o sentido ou sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. De certa forma, o sentido nos estabelece em uma ligação direta com o modo como nos posicionamos diante de nós mesmos, diante dos outros e do espaço em que atuamos.

Somos seres experimentais e justificamos a escolha do dispositivo, compreendendo que a oficina está diretamente relacionada com a concepção epistemológica e metodológica do pesquisador e suas parcerias intelectuais. Além disso, o próprio objeto de estudo também é responsável por esta articulação de saberes, até porque emerge e se institui na relação dialógica e dialética entre práticas/teorias/métodos (SANTOS, 2014, p. 88). Somando-se a isso, a tessitura do conhecimento estabelece dentro de todo este constructo de trabalho, a interlocução com o conceito da multirreferencialidade, que de acordo com Ardoino (1998) é pertinente para contemplar nos espaços de aprendizagem uma “leitura plural de seus objetos (práticos ou teóricos), sob diferentes pontos de vista, que implicam tanto visões específicas quanto linguagens apropriadas às descrições exigidas, “em função de sistemas de referenciais distintos, considerados, reconhecidos explicitamente como não redutíveis uns aos outros, ou seja, heterogêneos” (Ardoino, 1998, p.24).

Portanto, Santos (2019) afirma que multirreferencialidade, como um novo paradigma, torna-se hoje um grande desafio. Desafio que precisa ser vivido e gestado, principalmente, pelos espaços formais de aprendizagem que ainda são norteados pelos princípios e práticas de uma ciência moderna. Por outro lado, diferentes parcelas da sociedade vêm criando possibilidades de educação e de formação inicial e continuada.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lucas; HENNIGEN, Inês. **Condições e possibilidades de uma tecnopolítica de gênero/sexualidade.** Estudos Feministas, Florianópolis, 22(1): 416, janeiro-abril/2014.

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas.** In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (orgs.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. 3ª ed. Petrópolis: DP&A, 2008, p.13-38.

ARDOINO, Jacques. **Para uma Pedagogia Socialista.** Brasília. Editora Plano, 2003.

ARDOINO, Jacques. **Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas.** In. Joaquim Barbosa (Org.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p. 24-41.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Tradução Lucie Didio. Brasília, DF: Plano Editora, 2002.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter.** On the Discursive Limits of “Sex”. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero.** Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo.** Crítica da violência ética. Tradução de Regina Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BUTLER, Judith. Conferência Magna. **I Seminário Queer:** cultura e subversões da identidade. Sesc Vila Mariana, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/TyIAeedhKgc>. Acesso em 10 mar. 2022.

BORBA, Sérgio. (orgs) **Jacques Ardoino & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CAMINHA, Tibério; FERREIRA, Dina Maria Machado; Andréa Martins. Um Corpo Tecnorgânico Para A Era Da Cibercultura: Efeitos Sobre O Sexo E O Gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada.** Vol.55 no.2 Campinas May/Aug.

2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000200483. Acesso em 3 mar. 2022.

CASTELLS, Manoel. **The rise of the network society**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996. (The information age: economy, society and culture, v. I).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHAUÍ, Marilena. Espaço, tempo, mundo virtual. **Canal Café Filosófico** – Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4Qj_M6bnE-Y. Acesso em 26 de fevereiro de 2021.

COLACIQUE, Rachel. **Visualidades surdas na cibercultura: aprendizagens em rede**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018, 245 p.

DE LAURETTIS, Teresa. **“A tecnologia do gênero”**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DELEUZE, G. **A imagem-tempo**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2009.

FERREIRA, Helenice Mirabelli; COUTO JUNIOR, Dilton; OSWALD, Maria Luiza. **As oficinas como lócus de encontro com o outro: uma abordagem histórico-cultural**. Disponível: <https://metodologia.ceie-br.org/wp-content/uploads>. Acesso em 10 mar. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução por Maria Thereza da Costa Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London: SAGE Publications, 1998. _____. Virtual methods: issues in social research on the internet. New York: Berg Publishers, 2005.

HUNTY, Rita Von. **Gênero e Natureza**. 2018 (5m). Disponível em: <https://youtu.be/vK3koljeWoc>. Acesso em 12 mar. 2022.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia 2.0, em Handbook of Qualitative Research Methods em Marketing**, ed. Russell W. Belk, Cheltenham, ONU e Northampton, MA: Edward Elgar Publicação, 2006, p. 129-142.

KOZINETS, Robert V. **On netnography: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture**. Advances in Consumer Research, New York, v. 25, p. 366-371, 2002.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo**: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares. Currículo sem Fronteiras, v. 13, p. 12-435, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária** - experiências transingulares com o método em Ciências da Educação. 1. ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2020.

MADALENA, Tania Lucia. Filme de pesquisa **“As invenções digitais de si”**. Disponível em: <https://youtu.be/5JOPSxlfSbl>. Acesso em 10 mar. 2019.

MARTINS, Vivian. **Os cibervídeos na educação online: uma pesquisa-formação na cibercultura**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018, 245 p.

LATOURETTE, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

LEMOS, André. **Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina; Meridional, 2002.

LEMOS, A. As estruturas antropológicas do ciberespaço. In: **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. SP: Editora 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Humanos Hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet**. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. 1º ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura** / Edméa Santos. – Teresina: EDUFPI, 2014.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura** / Edméa Santos. – Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Edméa. **Entrevista com Edméa Oliveira dos Santos**. Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, TIDD | PUCSP, São Paulo, n. 16, p. 10-28, jul-dez. 2017.

SANTOS, Edméa. **Diário online, cibercultura e pesquisa-formação multirreferencial**. Didática e Prática de Ensino na relação com a Escola ENDIPE- UECE, 2014. Ebook ISBN: 978-85-7826-296-9. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/index.php/2015-02-26-14-09-14?limit=5&start=1550>. Acesso em 10 de março de 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu Silva. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Editora Autêntica, 2021.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, v. 20, n. 2, 1995.

STEPHENS, J. **Language and ideology in children's literature.** New York: Longman Publishing, 1992.

YORK, Sara Wagner. **TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação:** Des(a)fiando e ocupando os "sistemas" de Pós-Graduação. 2020. 185 f. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://www.nuqueer.org/bibliotecadigital>. Acesso em 12 mar. 2022.